

A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS COM A FILOSOFIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA: UM CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO (RELATO TÉCNICO)

THE EXPERIENCE OF THE PRIMARY SCHOOL STUDENTS WITH PHILOSOPHY IN A PUBLIC SCHOOL: A PATH TO EMANCIPATION. (TECHNICAL REPORT)

Nivaldo Alexandre de FREITAS¹; Alana Larissa PORATO¹; Bruno Xavier de CAMARGO¹; Carina Fernanda MARCIANO¹; Glauce CARVALHO¹; Jessica Costa de FARIAS¹; Joyce DONADEL¹; Letícia Maiara Cozar DONADELLI¹; Manuely da Silva MAIA¹; Rafaella ANDREETA¹

¹ Faculdade de Psicologia, Fundação Hermínio Ometto (UNIARARAS)

Autor responsável: Nivaldo Alexandre de Freitas. Endereço: Rua Padre Vieira, n. 747, Apartamento 94. Campinas – SP. CEP: 13.015-301. E-mail: <nivaldo@uniararas.br>.

RESUMO

Este artigo busca relatar uma experiência formativa empreendida na escola pública junto a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental por estudantes do curso de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto (UNIARARAS) em um projeto de extensão. Tal experiência envolveu a discussão de textos de Filosofia com os alunos a fim de que estes alcançassem uma avaliação crítica em torno de alguns temas que foram propostos, tais como os problemas acerca da liberdade e a influência da indústria cultural na vida cotidiana. Estão relatadas aqui a organização e a aplicação de quatro oficinas nas quais podem ser apontados obstáculos e conquistas quanto aos objetivos previamente traçados. O embasamento teórico adotado para as oficinas advém dos textos de Kant, Adorno e Benjamin discutidos pelos estudantes do curso de Psicologia na disciplina de Filosofia, trabalhada no 1º ano de Graduação. Concluiu-se que a experiência foi extremamente válida na medida em que os alunos desenvolveram ao longo dela uma série de importantes reflexões, embora também houvesse resistências em muitos momentos, o que propiciou aos estudantes de Psicologia que empreenderam o projeto um dimensionamento mais preciso acerca das possibilidades do processo educativo na atualidade, particularmente no que se refere à conquista da autonomia.

Palavras-chave: Filosofia; Emancipação; Formação; Educação; Autonomia.

ABSTRACT

The objective of this paper is to report a formative experience that took place in a public school with the primary school students of the ninth years which was applied by trainees of the Psychology course of Fundação Hermínio Ometto (UNIARARAS) in an extension project. This experiment involved the discussion of philosophy texts with the students so that they might make a critical evaluation about a few themes that had been proposed, such as the problems concerning freedom and the influence of cultural industry in their everyday lives. The organization and application of four workshops are here reported on which one may aim at obstacles and achievements on the objectives previously outlined. The theoretical framework adopted for the workshops comes from the writings of Kant, Adorno and Benjamin discussed by Psychology students in the subject of Philosophy of the first year of Graduation. It is concluded that the experience was extremely valuable because the students developed along it important reflections, although there was resistance in many moments. But these elements allowed to the Psychology students who were in charge of the project a more accurate knowledge of possibilities of the educational process nowadays, particularly with regard to the autonomy achievement.

Key words: Philosophy; Emancipation; Formation; Education; Autonomy.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende compartilhar a experiência de um projeto de extensão que se realizou com o propósito de desenvolver a criticidade de estudantes do Ensino Fundamental da rede pública, na cidade de Araras, apoiando-se em textos clássicos de Filosofia, mais precisamente de três pensadores expoentes: Sartre, Adorno e Horkheimer. Sendo a educação um dos caminhos para a emancipação, percebe-se como fundamental incentivar os alunos para que construam habilidades que lhes permitam realizar uma avaliação crítica sobre o mundo que os cerca e, dessa forma, torná-los capazes de exercer a cidadania.

Atualmente, o processo de formação educacional tem enfrentado barreiras diante da sobreposição da aquisição de informações à construção do conhecimento, pois, na contramão da formação de sujeitos críticos, o que ocorre é uma formação técnica voltada para suprir as necessidades do mercado de trabalho.

Dessa forma, o sujeito vê-se inapto a tomar decisões com autonomia e acaba orientando-se pelo movimento das massas, cuja condução é exercida pelos mais interessados e beneficiados com os rumos da economia. Segundo Adorno (1995, p. 55), essas “pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria (...)”. Esse comportamento em massa pode levar à prática de atitudes irracionais, além de diminuir a sensibilidade dessas pessoas diante de condições indignas de vida presentes na sociedade. Pode-se dizer, portanto, que essa postura caminha no sentido contrário à necessária para o desenvolvimento da democracia de maneira plena.

No Brasil, embora o governo invista em planos e programas educacionais – que incentivam a criação de um maior número de instituições públicas de ensino e oferecem a possibilidade de formação contínua dos professores, dentre outras ações – com foco, sobretudo, na Educação Básica, ainda existem inúmeras dificuldades que o sistema educacional enfrenta. De um lado predomina um sistema de ensino arcaico, pautado na transmissão sistemática de informações; e de outro, a desmotivação dos alunos em aprender conceitos que podem facilmente ser pesquisados na internet.

Não seria exagero dizer que as escolas perderam sua função para os estudantes, os quais não mais a compreendem como uma instituição formadora.

Diante de tal cenário, percebeu-se a necessidade de estimular a criticidade dos estudantes no ambiente escolar para que eles adotassem um papel de agente na construção do conhecimento e para incentivá-los à emancipação. Dessa forma, foram apresentados ao público-alvo deste trabalho alguns textos de Filosofia e vídeos que os convidavam a uma reflexão em um diálogo constante com o mundo vivido e percebido por eles.

Vale destacar que, neste contexto, emancipação refere-se à aquisição da capacidade de refletir por si mesmo, sem a tutela de outrem. A conquista dessa capacidade não é objetivo novo na história dos processos educativos; ela é procurada desde a Antiguidade e, no Período Iluminista, tornou-se objetivo principal diante das contingências políticas pelas quais passava a Europa (MANACORDA, 2010). Essa meta da educação chegou a ser enunciada por vários filósofos, como Kant (1982), por exemplo, para quem a emancipação significa a saída da menoridade, a conquista da autonomia.

1. Filosofia em quatro oficinas

Foram realizadas quatro oficinas com fundamentação teórica pautada em fragmentos dos textos “O existencialismo é um humanismo”, de Jean Paul Sartre e “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. As oficinas foram direcionadas aos alunos do 9º ano do período vespertino do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual, no município de Araras-SP, durante o mês de outubro de 2013.

A proposta de implementação deste projeto foi articulada pelo curso de Graduação de Psicologia da Fundação Hermínio Ometto (Uniararas) com o interesse de que fosse criado um espaço no âmbito escolar da comunidade para atender uma necessidade que extrapola os limites impostos pela Pedagogia. Os nove alunos que idealizaram, elaboraram e desenvolveram essa experiência são discentes do segundo, quarto e sexto períodos do curso, sendo que apenas um é do sexo masculino e uma das participantes é pedagoga, com experiência prévia em sala de aula.

Este projeto teve o intuito de transmitir aos estudantes um pouco do conhecimento filosófico e da formação crítica adquirida na faculdade, para compartilhar algo que talvez não seja acessível a esse público, mas que é de fundamental importância para o desenvolvimento da autonomia de um indivíduo. O processo de escolha da faixa etária dos participantes – estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – fundamentou-se na premissa de que a conscientização precoce sobre as questões propostas no decorrer deste projeto lhes serviria como alicerce para o Ensino Médio, período em que poderão amadurecer essas ideias e, assim, estar mais preparados para fazerem suas próprias escolhas, tanto na continuidade da formação acadêmica quanto no mundo do trabalho.

Com isso em mente, os idealizadores do projeto esperavam despertar nos alunos o interesse pela busca contínua do conhecimento como base para a constituição de cidadãos críticos e sensíveis às condições adversas de vida presentes na sociedade. Além disso, pretendiam motivá-los a abandonar o comodismo e o receio de lutar pelos seus direitos e almejavam que esses alunos ficassem mais atentos para perceber a constante manipulação da mídia, a qual se utiliza das mais variadas ferramentas para ludibriar as massas. Também pretendiam instigá-los a ter maior proximidade com a leitura de textos, os quais devem ser utilizados como ferramenta na sua formação, e que pudessem evocar um sentido ou protesto sobre a realidade em que vivem. E, por fim, os idealizadores gostariam de despertar a curiosidade por outros tipos de cultura, para que a ampliação da concepção de formas de vida pudesse minimizar a intolerância com o diferente, eximindo qualquer manifestação de preconceito.

2. Método e princípios teóricos

O objetivo de incentivar a reflexão em alunos do Ensino Fundamental levou o grupo a pensar na oficina como o recurso mais apropriado. Não se pretendia fazer com que os alunos da escola pública fossem submetidos a aulas dadas por estudantes de Psicologia; o que se queria era a discussão de temas pertinentes a qualquer cidadão, sem, no entanto, guiar aqueles alunos a um entendimento supostamente correto de textos filosóficos. Uma vez que as temáticas circulavam

em torno da liberdade e de seus limites e do papel da mídia de massa na consciência individual, o que se esperava era a problematização dos temas envolvidos, com o auxílio dos textos de filósofos. Desejava-se que os alunos percebessem o quanto a Filosofia pode ajudar a enxergar algumas coisas que são reais e até mesmo opressoras, mas não necessariamente evidentes.

Os princípios teóricos que motivaram o projeto advêm de alguns textos de autores como Kant, Theodor Adorno e Walter Benjamin, os quais foram estudados na disciplina de Filosofia do curso de Psicologia. Estes autores dedicaram suas reflexões ao apontamento do quanto a autonomia e a crítica são essenciais à luta contra a violência e em favor da liberdade.

Pensou-se em limitar o projeto em quatro oficinas, pois uma quantidade maior poderia levar ao desinteresse dos alunos (já que não se sabia como essa experiência seria vista por eles). Depois, a partir da avaliação dos idealizadores do projeto, poderiam ser propostas outras oficinas, levando-se em consideração supostos erros e acertos.

Outro elemento importante foi que as oficinas eram reformuladas ao passo em que aconteciam, ou seja, elas terminaram diferentemente do modo como foram planejadas. Houve, por exemplo, a supressão de um fragmento de texto que estava planejado inicialmente para que fossem aprofundados os temas da liberdade e da mídia de massa, já que percebeu-se que mudar o tema não levaria ao aprofundamento de discussão e, portanto, da própria experiência, que consistia em uma reflexão não superficial sobre alguns temas de importância na atualidade.

Será apresentado a seguir como ocorreu o preparo das oficinas.

3. O preparo das oficinas

Nas primeiras reuniões, foram decididos assuntos como o título do projeto, a quantidade de oficinas e em que escola elas seriam realizadas. No que se refere à quantidade de oficinas, ficou estabelecido que seriam realizadas quatro, de 50 minutos cada uma, embora a ideia inicial fosse trabalhar durante um ano com os alunos de uma mesma escola, o que totalizaria, aproximadamente, 32 oficinas. Essa mudança no

formato se deu a partir do amadurecimento da ideia de que seria mais sensato realizar um projeto-piloto, com um número reduzido de oficinas.

Inicialmente, a proposta era realizar o projeto no horário contrário às aulas das turmas escolhidas, mas isso não foi possível. Houve um pedido por parte da escola para que elas fossem realizadas em horário de aula, pois se temia que não houvesse adesão dos alunos à proposta, que foi bem-aceita pela escola.

Nas primeiras reuniões, foram estruturadas as oficinas, mas, depois de realizada a primeira e visualizada a dinâmica das salas e as dificuldades de ganhar a atenção dos alunos em tão grande número, foi necessário fazer alterações para o melhor aproveitamento das atividades.

Antes de cada oficina, parte das reuniões foi utilizada para que os idealizadores do projeto estudassem os textos que seriam trabalhados com os alunos e delimitassem os pontos mais importantes que deveriam ser destacados durante a leitura e a discussão.

As oficinas foram planejadas e modeladas de acordo com as experiências e observações durante a realização das atividades, ou seja, à medida que se percebiam limitações, dificuldades e resistência da parte dos alunos, as oficinas eram alteradas. Além disso, a própria maneira de lidar com os alunos foi sendo modificada, uma vez que os idealizadores do projeto também estavam em um processo de aprendizado.

Dessa forma, a dinâmica das aulas foi pensada considerando-se os conteúdos estudados na disciplina de Filosofia, trabalhada no 1º período do curso de Psicologia. Por ser um projeto-piloto, decidiu-se delimitar sua duração e os temas a fim de estabelecer os limites e as possibilidades dessa intervenção. Dessa forma, ficou definido que os idealizadores fariam quatro oficinas com os seguintes temas: liberdade, ideologia e mídia de massa. Estes temas foram escolhidos por tratarem de questões bastante evidentes, porém opacas, na tentativa de despertar um olhar mais atento à realidade em que os alunos estão inseridos, além de convidá-los a refletir sobre elementos recorrentes no dia a dia mas que passam despercebidos.

Para atender a esses objetivos, decidiu-se trabalhar com o fragmento do texto “O

Existencialismo é um humanismo”, de Jean-Paul Sartre, que propõe uma reflexão sobre liberdade a partir do pressuposto da inexistência de pontos de apoio previamente dados sobre os quais os homens poderiam fincar suas escolhas. Segundo esse autor, “o homem está condenado a ser livre”, o que significa dizer que a existência não é uma escolha, mas, no momento em que ele é lançado ao mundo, precisa construir sua essência a partir de suas escolhas (SARTRE, 1973, p. 15-16).

Também foi selecionado um trecho do livro *O que é ideologia?*, de Marilena Chauí (1984), para trabalhar o conceito de ideologia como um discurso lacunar que se torna coerente pela subtração de aspectos inerentes a ele. Nesse fragmento de texto, a autora descreve a família burguesa como um núcleo que contém resquícios de valores patriarcais em que os papéis exercidos pelos membros são determinados em função da manutenção do sistema econômico.

Por fim, foi selecionado um fragmento do texto “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, de Horkheimer e Adorno (1985, p.118), o qual convida a refletir sobre a coerção da indústria cultural sobre as massas. Segundo os autores, “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”, o que significa dizer que há um recorte em tudo aquilo que é veiculado como informação e entretenimento, e isso exerce uma coerção sobre as massas, que aceitam essa influência sem qualquer contestação.

Por serem assuntos complexos presentes em textos densos, os idealizadores do projeto elaboraram a estrutura das oficinas de maneira a facilitar a compreensão das ideias a serem discutidas, incluindo alguns recursos acessórios como músicas e vídeos. Nesse sentido, a dinâmica da primeira oficina foi pensada e estruturada da seguinte forma: inicialmente, os idealizadores solicitariam aos alunos que redigissem um texto descrevendo o que eles entendiam sobre liberdade; em seguida, pediriam que alguém se prontificasse a ler o que escreveu para iniciar uma discussão sobre o assunto; logo após, requisitariam a leitura do texto de Sartre; e, uma vez feito isso, leriam o texto novamente com eles, interrompendo em determinados momentos para discutir os pontos que foram previamente destacados. Para finalizar, apresentariam a música “Bella Ciao” (lema da

resistência italiana durante a 2ª Guerra Mundial), que traz na letra uma referência sobre a conquista da liberdade pela luta armada, como mais um elemento a ser discutido.

Pensou-se em iniciar a segunda oficina com a música “Ideologia”, de Cazusa, e, a partir dela, fazer a relação entre os conceitos de liberdade e ideologia. Tais conceitos seriam esclarecidos apresentando-se inicialmente o significado dos termos segundo o dicionário e, logo após, seria feita a leitura do segmento do texto selecionado de Marilena Chauí, que fundamentaria a discussão principal.

Vale destacar que após a realização da primeira oficina, concluiu-se que seria relevante retomar as discussões sobre liberdade partindo da percepção dos idealizadores de que o tema não havia sido totalmente esclarecido. Nesse sentido, pensou-se em usar a segunda oficina para tirar dúvidas a fim de aproximar o assunto da realidade dos alunos, de maneira que o desenvolvimento das próximas atividades fosse significativo. Considerando-se esta necessidade de significação, pensou-se em reformular a metodologia da oficina. Assim, optou-se por dividir os alunos em grupos, e os idealizadores, em duplas, as quais ficariam responsáveis pelos grupos. Dessa maneira, os grupos realizariam as atividades fora de sala de aula para que se sentissem à vontade.

Ainda em função dessa primeira experiência, decidiu-se subtrair o tema ideologia e, na terceira oficina, trabalhar mídia de massa no mesmo formato da segunda. Diante dessa alteração, foi escolhida a música “3ª do plural”, da banda Engenheiros do Hawaii, para que os alunos a ouvissem na sala de aula. Em seguida, eles seriam divididos em grupos pequenos para que lessem e discutissem o fragmento do texto de Horkheimer e Adorno (1985).

Na quarta e última oficina, pensou-se em retomar as questões trabalhadas por meio de recursos de multimídia, como dois comerciais, um do Mr. Músculo, que traz implícita a imagem da mulher como sexo frágil e com a única função de cuidar dos afazeres domésticos, e outro do Fiat Linea, que sugere que um homem que possua este carro seja respeitável e detenha grande *status* social. A partir desses vídeos, os idealizadores iniciariam uma breve discussão sobre as questões que estão naturalizadas e recebidas pelos

telespectadores, mas sem fazer qualquer tipo de questionamento. Em seguida, exibiriam um fragmento do documentário *Além do cidadão Kane*, que levaria aos alunos o cenário do debate político entre Lula e Collor, de 1989, marcado pela manipulação feita pela mídia a fim de beneficiar o segundo candidato, que, por fim, ganhou a eleição para a presidência do Brasil. Neste momento, os idealizadores abririam uma discussão sobre a etapa anterior. Para finalizar, mostrariam uma imagem de Banksy Napalm, que retrata a célebre foto da sobrevivente vietnamita Kim Phuc de mãos dadas com Ronald MacDonald e Mickey Mouse, ilustrando o consumismo feroz associado a todo tipo de violência gerada a partir dele.

De forma esquemática, as oficinas transcorreram da seguinte maneira:

Oficina 1: Texto base: fragmento de *O existencialismo é um humanismo*, de Sartre (1973). Discussão sobre questões apontadas no texto. Apresentação de uma música e discussão.

Oficina 2: Texto base: fragmento de *O existencialismo é um humanismo*, de Sartre (1973). Retomada das discussões da primeira oficina. Apresentação de uma música e discussão.

Oficina 3: Texto base: fragmento de *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, de Horkheimer e Adorno (1985). Discussão sobre questões apontadas no texto.

Oficina 4: Discussão sobre os temas tratados anteriormente. Discussão com base em vídeos publicitários e documentário. Síntese das oficinas.

4. Contato inicial com a escola

Uma das integrantes do grupo fez o primeiro contato por telefone com a diretora da Escola Estadual, que prontamente a atendeu e logo marcou uma reunião para que fosse exposta a proposta. Os idealizadores expuseram a forma como seriam realizadas as oficinas, o que foi aceito pela direção da escola. As datas das oficinas foram agendadas junto à diretora, que propôs o uso das aulas cedidas por um professor de História, já que não havia condições de se trabalhar fora do horário de aula. Depois de decididos os horários, os idealizadores perguntaram se poderiam voltar na próxima

semana para fazerem o convite aos alunos, uma vez que a participação seria facultativa.

Conforme o combinado, de volta à escola, os idealizadores explicaram ao professor que havia lhes cedido o horário como seriam as oficinas, e ele sugeriu que o projeto fosse desenvolvido não apenas em uma sala, como o planejado, mas nas duas salas do 9º ano do período da tarde. Após este primeiro contato com o professor, os idealizadores do projeto foram às salas de aula para expor a proposta e fazer o convite aos alunos. Na primeira sala, um aluno e uma aluna se recusaram a participar (sem justificativa), enquanto na segunda sala, todos aceitaram.

5. Descrição das oficinas

O projeto teve total apoio da escola, desde a recepção dos idealizadores até a conclusão dos encontros. Foi possível contar com a disponibilização do espaço físico, das aulas necessárias para a realização das oficinas e também de equipamentos utilizados durante os encontros, como rádio e *datashow*. Toda a estrutura e recursos escolares, tais como mesas, cadeiras, salas de aula, refeitório, etc. estavam em perfeito estado para uso, o que infelizmente nem sempre é possível encontrar nas escolas do Brasil.

Após darem início às oficinas, os idealizadores depararam-se com alguns fatores que impediram o desenvolvimento da forma planejada, como o pouco contato com a leitura por parte dos alunos, o que resultou na dificuldade para ler e na má compreensão dos textos abordados. Com poucas exceções, eles não conseguiram manter o foco por muito tempo nas discussões levantadas por conta do surgimento de comentários e brincadeiras que tiravam a atenção dos demais. O fato de não terem dividido os alunos em grupos menores foi um fator que impediu a participação de muitos nas discussões, já que, quando em grupos, compostos por pessoas com quem tinham afinidade, os alunos se expuseram mais, dando suas opiniões acerca dos assuntos levantados.

Em cada encontro os alunos apresentavam reações distintas, como: resistência em relação aos temas apresentados, já que, para a maioria, estes eram temas novos, que não são comumente trabalhados nas escolas; incômodo em relação à

presença de vários alunos de Psicologia “invadindo” o espaço deles; certa excitação com o novo, pelo fato de terem saído da rotina.

Além dessas reações, notou-se um distanciamento entre os alunos e os idealizadores do projeto, o que também é observado pelos professores dessa escola (pelo menos com os quais se teve contato). Há, aparentemente, um relacionamento automático, em que ambas as partes estão apenas ocupando seus lugares e cumprindo seus horários; há, portanto, uma situação de comodidade. Quando há a quebra desse funcionamento automático, ambas as partes ficam desorientadas, tirando-as da situação de comodidade, algo que, aparentemente, não é priorizado nas escolas. É possível afirmar, portanto, que este projeto, que tem como base a Filosofia, visa gerar a quebra do automático por meio de provocações e de questionamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente os idealizadores encontraram certa resistência por parte dos alunos. Houve comentários e a demonstração de temor por parte deles quando souberam que se tratavam de estudantes de Psicologia que estavam propondo algumas oficinas. Quanto a isso, a hipótese do grupo de idealizadores é a de que os alunos talvez estavam se sentindo invadidos por estudantes que propunham oficinas das quais não sabiam o que esperar (mesmo considerando-se que tudo foi explicitado no momento do convite).

Uma aluna, por exemplo, disse já no momento do convite que não iria participar, mas depois acabou presenciando as oficinas na companhia do professor da turma, como se estivesse auxiliando o professor.

Houve certa resistência também quanto aos textos e ao formato da oficina proposta no primeiro dia; porém, aos poucos, os alunos foram se familiarizando com os textos, com os temas e com as discussões. No entanto, na segunda oficina, com o formato repensado para ser trabalhado com pequenos grupos, eles já estavam mais confiantes para se expressar com base no texto lido. Diante disso, os idealizadores do projeto acreditam que, quando deram voz aos alunos e, principalmente, passaram a ouvi-los, ganharam a atenção deles, o que gerou algumas reflexões.

Prova disso é o efeito que, por exemplo, a discussão sobre a mídia de massa suscitou em alguns alunos. Eles foram capazes de ler um fragmento de texto de Filosofia considerado não tão simples, intitulado *A indústria cultural*, de Horkheimer e Adorno (1985), e de discutir a partir da leitura. Os alunos chegaram a comentar com os idealizadores que depois dessa oficina passariam a ver a mídia de outra maneira. Pode-se dizer que não é outra a função da reflexão filosófica senão a de munir o sujeito com a capacidade de duvidar da realidade que antes tinha como natural.

Entre outros dizeres reveladores dos alunos, um jovem afirmou que as oficinas haviam mudado seu “jeito de pensar”; outro disse que as oficinas contribuíram para que ele aumentasse o “gosto pelo estudo”; outro, ainda, contou que levava o texto para casa e que ficara refletindo sobre o assunto antes de dormir, e que teria mostrado o texto para a mãe, que, por sua vez, levava ao trabalho para comentar com suas colegas. Considerando-se a curta duração do projeto, pode-se tomar estas afirmações como um resultado muito satisfatório.

Dessa forma, apesar de algumas dificuldades encontradas ao longo das oficinas, pode-se pensar que a Filosofia na vida de alunos da escola pública atualmente tenha que ser entendida como um processo, que apenas pode se dar aos poucos, por conta do desinteresse geral em relação às reflexões que procuram ver a realidade de outra maneira.

Entre essas dificuldades, pode-se apontar que embora houvesse manifestações e reflexões particulares acerca dos textos e dos temas, a maioria acabou se limitando ao silêncio ou à simples repetição do que já havia sido dito pelos idealizadores do projeto. Além disso, estes identificaram certo automatismo por parte dos alunos, já acostumados a um esquema didático em que eles pouco participam, por conta, é claro, de toda uma estrutura educacional que, no limite, representa problemas que vão além da esfera didática e da própria escola, ou seja, trata-se de um sintoma de uma cultura que não tem a educação e a procura da formação ativa em alta conta.

A diferença entre as turmas para quem foram aplicadas as oficinas também foi sentida pelo grupo de idealizadores. Como cada turma

tinha sua própria dinâmica, a discussão tal como fora proposta foi prejudicada. Como exemplo dessa questão pode-se tomar o caso em que quando os alunos de um grupo menor se manifestavam para expor alguma reflexão, tornavam-se alvos da zombaria de outro grupo, ficando, assim, intimidados. Isso ocorreu diversas vezes em uma turma, e em outra, não.

Todavia, como já apontado, a insistência dos idealizadores em adequar as oficinas à experiência dos alunos e a disponibilidade com a qual se colocaram na escola fizeram com que alguns obstáculos fossem superados em pouco tempo. Além disso, os alunos perceberam que os idealizadores do projeto estavam lá realmente por eles, o que não ocorre com os professores, os quais estão tomados pela pesada rotina do trabalho da escola pública, embora muitos deles realizem grandes esforços para chegar a seus alunos.

Como poderiam ser entendidas as dificuldades enfrentadas (relativas à resistência de parte dos alunos ou de todos eles em alguns momentos) a partir do referencial de autores que fundamentaram e motivaram este projeto? Kant (1982) descreve os obstáculos para o esclarecimento: preguiça e covardia! Ora, o clima cultural em que se vive atualmente faz mais do que reforçar tais obstáculos e ir contra à reflexão. Para usar uma expressão de Adorno (1995, p. 133), suscitar a autorreflexão é o mesmo que “ir contra ao espírito do mundo”. Todavia, considerando-se a experiência por meio do projeto, não constaram apenas obstáculos, mas também a possibilidade de reflexão quando seus objetos foram apresentados de maneira interessante, de forma a convocar as habilidades humanas, como atenção, imaginação, memória e expectativa, diferentemente do que fazem as mercadorias da indústria cultural.

Também podem ser consideradas aqui as várias ressalvas de Benjamin (1994) em um texto redigido já no início do século XX quanto à possibilidade de experiência. No entanto, o autor não se resigna a apontar a tendência à barbárie, mas suscita a enfrentar o problema a partir das próprias condições da pobreza de experiência, ou seja, para ele é preciso construir a cultura com base no pouco que resta à humanidade! Assim, a discussão acerca de dois pequenos fragmentos de textos, em época de dificuldade de se prestar

atenção aos bens da cultura, é uma atividade possível e capaz de render frutos.

Por fim, é preciso destacar a contribuição deste projeto de extensão não apenas para a comunidade, mas também para a formação dos estudantes de Psicologia que empreenderam o projeto, uma vez que conheceram algo fundamental para entenderem a educação atualmente: as limitações da relação entre os educandos e os textos que suscitam reflexões e, portanto, as limitações da própria reflexão que conduz à emancipação. Mas apontar a limitação não significa conformar-se, pois algumas manifestações dos alunos diante dos textos e dos temas demonstram claramente as contradições no que se refere ao caminho para a emancipação, ou seja, seus obstáculos e potencialidades.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAZUZA. **Ideologia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AuZ6ubVXOoo>>. Acesso em: 16 maio 2014.
- CHAUÍ, M. S. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984. (Col. Primeiros Passos).
- ENGENHEIROS DO HAWAII. **Terceira do Plural**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tVQu5CZeE8M>>. Acesso em: 17 out. 2013.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Texto original de 1783).
- MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2010.
- RITA PAVONE. **Bella Ciao**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z-c9iVyUN7I>>. Acesso em: 5 out. 2013
- SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- YOU TUBE. **Comercial Fiat Linea**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_hYyUueApk4>. Acesso em: 2 out. 2013.
- YOU TUBE. **Mr. Músculo Limpador Perfumado**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VRLAIZkPD60>>. Acesso em: 16 out. 2013.
- YOU TUBE. **Trecho do filme Além do cidadão Kane**. Direção de Simon Hartog. 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SppO7acMs48>>. Acesso em: 18 out. 2013.